

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2024.Vol10.N69.pp26-72>



Rayssa Thaynara Golinelli

Fonoaudióloga. - Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Brasil. e-mail rtgolinelli@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0002-1620-3529>

CarLos Eduardo Borges Dias

Fonoaudiólogo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana e do curso de Graduação em Fonoaudiologia - Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil. E-mail carlos.dias@utp.br <https://orcid.org/0000-0001-7072-8433>;

Francielle Guebur

Psicóloga. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Brasil. E-mail moiraguebur@gmail.com <https://orcid.org/000-0001-4262-4861>;

Cristiano Miranda de Araujo

Odontólogo. Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana e do curso de Odontologia - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Brasil. E-mail: cristiano.araujo@utp.br <https://orcid.org/0000-0003-1325-4248>

Simone Infigardi Kruger

Fonoaudióloga. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Brasil. E-mail: simonekrueger@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0002-3324-0698>

Rita Tonocchi

Fonoaudióloga. Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Brasil. E-mail: rita.tonocchi@utp.br <https://orcid.org/0000-0001-7006-0541>

Ana Paula Berberian

Fonoaudióloga. Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Brasil. E-mail: ana.berberian@utp.br <https://orcid.org/0000-0002-7176-7610>

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Resumo

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento que pode impactar no desenvolvimento global das pessoas, nas interações sociais que estabelecem na apropriação e aprendizagem da linguagem escrita. Ressalta-se as mídias sociais como ferramenta com potencialidades de promover a acessibilidade e difusão de informações e de saberes formulados por profissionais de várias áreas permitem, bem como, a construção partilhada de conhecimentos. Objetivo: Este estudo visa investigar concepções e práticas fonoaudiológicas e educacionais, veiculadas em vídeos disponíveis no YouTube, enfocando tais processos. Método: Foram identificados 484 vídeos em língua portuguesa no YouTube utilizando palavras-chave como “linguagem escrita”, “fonoaudiologia”, “educação”, “TEA”, “Autismo”, “Letramento” e “alfabetização”. Foram adotados como critérios de inclusão vídeos nacionais produzidos nos últimos 10 anos por fonoaudiólogos e/ou professores para o YouTube. Como critérios de exclusão constam reportagens de TV, palestras, vídeos estrangeiros, caseiros ou de outras temáticas. Resultados: Foram selecionados 13 vídeos, sendo que 61,53% são produzidos por fonoaudiólogos e 38,47% por professores, com 92,31% direcionados a professores e 7,69% a fonoaudiólogos. Quanto às concepções de linguagem escrita, 69,23% a concebem como código/instrumento de comunicação e 30,77% como prática social. Além disso, 92,31% dos vídeos abordam práticas de ensino-aprendizagem da escrita. Conclusão: Fica evidente a necessidade de estudos que analisem a qualidade e consistência das informações veiculadas nesse tipo de produção, bem como, impactos que exercem na formação e atuação profissional, envolvendo contextos e processos clínicos e educacionais voltados à linguagem escrita e alunos diagnosticados com TEA.

Palavras-chave: TEA. Fonoaudiologia. Linguagem.

Clinical Speech Therapy and Educational practices tailored to people diagnosed with Autistic Spectrum Disorder: a narrative review

Abstract

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that can impact the global development of people, the social interactions they establish in the appropriation and learning of written language. Social media is highlighted as a tool with the potential to promote accessibility and dissemination of information and knowledge formulated by professionals from various areas, as well as allowing for the shared construction of knowledge. Objective: This study aims to investigate speech therapy and educational concepts and practices, conveyed in videos available on YouTube, focusing on such processes. Method: 484 videos in Portuguese were identified on YouTube using keywords such as “written language”, “speech therapy”, “education”, “ASD”, “Autism”, “Literacy” and “literacy”. National videos produced in the last 10 years by speech therapists and/or teachers for YouTube were adopted as inclusion criteria. Exclusion criteria include TV reports, lectures, foreign videos, homemade videos or other topics. Results: 13 videos were selected, 61.53% of which were produced by speech therapists and 38.47% by teachers, with 92.31% aimed at teachers and 7.69% at speech therapists. Regarding the conceptions of written language, 69.23% see it as a communication code/instrument and 30.77% as a social practice. Furthermore, 92.31% of the videos address writing teaching-learning practices. Conclusion: The need for studies that analyze the quality and consistency of the information conveyed in this type of production is evident, as well as the impacts they have on professional training and performance, involving clinical and educational contexts and processes focused on written language and students diagnosed with TEA

Keywords: ASD. Speech therapy. Language.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Introdução

No Brasil, estima-se que há mais de 2 milhões de sujeitos diagnosticados com TEA, a partir da prevalência do transtorno de 1% da população mundial de acordo com a OMS e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que aponta que no país há uma população aproximada de 200 milhões de pessoas^{1,2}. A partir de tais informações, o TEA pode ser considerado uma questão de saúde pública, diante do evidente crescimento de casos no Brasil e no mundo, aumentando o interesse em torno da temática².

Considerando que cada vez mais as pessoas estão imersas em práticas digitais, parece haver uma crescente necessidade de se discutir e fazer circular o conhecimento adquirido pela vivência ou experiência com o TEA^{25,26}. Nesse sentido, diversos estudos sobre os variados conceitos envolvidos no diagnóstico e, mais especificamente, no modo como esses indivíduos se apropriam da linguagem escrita têm sido discutidas e divulgadas no âmbito da internet.

Diante do exposto, esse artigo objetiva analisar práticas fonoaudiológicas e educacionais voltadas à apropriação da linguagem escrita junto a pessoas com TEA e as concepções que sustentam tais práticas abordadas e veiculadas em vídeos publicados na plataforma digital YouTube.

Desse modo, o presente estudo foi orientado pelas seguintes questões:

- Quais concepções sustentam as práticas clínicas fonoaudiológicas e educacionais veiculadas nos vídeos postados na plataforma YouTube?
- Quais conhecimentos estão sendo abordados nos vídeos veiculados na plataforma YouTube acerca de práticas clínicas fonoaudiológicas e educacionais adotadas nos

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

processos de apropriação e de ensino-aprendizagem da linguagem escrita de pessoas diagnosticadas com TEA?

Destaca-se que o aprofundamento temático e a explicitação dos fundamentos que orientam esse estudo serão realizados nas seguintes seções: 1- Conceituações acerca do quadro clínico denominado Transtorno do Espectro Autista; 2- Linguagem escrita e o Transtorno do espectro Autista; 3- Procedimentos e estratégias clínicas fonoaudiológicas e educacionais voltadas à apropriação da linguagem escrita de pessoas com TEA; 4- Mídias sociais: o que dizem fonoaudiólogos e professores acerca da linguagem escrita e pessoas com TEA.

Conceituações acerca do quadro clínico denominado Transtorno do Espectro Autista

Atualmente, o transtorno do espectro autista (TEA) é definido no DSM-V como uma condição do neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízo constante na interação social, na comunicação qualitativa e padrões limitados e repetitivos de comportamento. Vale ressaltar que se essa definição está baseada em uma perspectiva biomédica e é adotada, amplamente, como referência nacional e internacional², outras formas de se conceber e abordar o quadro clínico denominado TEA vem sendo formuladas e difundidas por profissionais da saúde e da educação^{3,4,5}.

De qualquer forma, a partir da diversidade conceitual acerca do referido quadro, pode-se apreender um consenso em relação aos sinais e sintomas que pessoas assim diagnosticadas

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

apresentam, relacionados especialmente aos modos como interagem socialmente, como se comunicam e como desenvolvem e fazem uso da linguagem³.

Nota-se que tais aspectos estão diretamente relacionados a dificuldades e/ou particularidades na forma como tais pessoas estabelecem relações com o outro, ou seja, como ocupam o lugar de sujeito-interlocutor nas interações sociais, como se apropriam e fazem uso da linguagem verbal e corporal e, portanto, como desenvolvem habilidades e recursos comunicativos e interacionais^{4,5}.

A partir da perspectiva, denominada biomédica, pode-se acompanhar uma unanimidade em torno do perfil da sintomatologia, dos diferentes graus e dos efeitos dos mesmos no desenvolvimento dos processos psico/afetivo, linguístico e cognitivo das pessoas com TEA, priorizando os aspectos biológicos.

Com base nessa perspectiva são consideradas as descrições de déficits/alterações^{4,5,7,8}, ou seja, a identificação e a constatação de habilidades que pessoas assim diagnosticadas não conseguem desenvolver e de possíveis causas que justifiquem tais fatos. É possível verificar que características atribuídas à essas pessoas estão baseadas em descrições de comportamentos e associadas a déficits e distúrbios que normalmente são estabelecidos a partir de comparações com padrões de normalidade os quais relacionados a aspectos orgânicos, sensoriais e/ou funcionais.

Contrariamente tais posições e, portanto, um modo de conceber o referido quadro e de conduzir o diagnóstico a partir de uma lógica de causa e efeito, uma segunda perspectiva denominada social e histórica, busca compreender a pessoa na sua integralidade. A partir de tal visão a pessoa com TEA é pensada como sujeito singular constituído histórica e coletivamente a partir das relações sociais e das condições materiais e subjetivas estabelecidas nos diferentes contextos que fazem parte da sua vida⁴.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Alinhado a essa posição, é possível considerar as singularidades, possibilidades e potencialidades das pessoas com TEA, partindo do pressuposto de que, assim como os demais sujeitos, são constituídas pela e na linguagem, nas práticas dialógicas e sociais. Isso porque, entende-se que ao conceber o sujeito de forma integral e não o reduzir a um quadro clínico e/ou □ patologia□, o mesmo pode ser compreendido a partir das condições socioculturais que determinam a sua inserção na sociedade ^{3,4}.

Considerando que os diferentes modos de se conceber o quadro clínico denominado TEA, estabelece relação direta com os modos como compreendemos os processos de desenvolvimento e uso da linguagem por parte dessas pessoas, passaremos, considerando os objetivos desse estudo a discorrer sobre a linguagem escrita.

Linguagem escrita e o Transtorno do Espectro Autista

Quanto aos modos de se conceber a linguagem escrita e a relação do sujeito com TEA com essa modalidade de linguagem³, é possível apreender, fundamentalmente, duas perspectivas

Com base na primeira, denominada como instrumental, a linguagem escrita é concebida como código e sua apropriação como decorrente, predominantemente, de condições orgânicas, perceptuais e cognitivas inerentes aos sujeitos¹¹. Questionando essa posição, Faraco¹⁵ relata que é possível encontrar várias concepções que tendem a reduzir a linguagem verbal ora como conjunto de regras, ou seja, a uma gramática; ora a um monumento, um conjunto de expressões ditas corretas e ainda considerá-la com mero instrumento de comunicação e expressão a qual ele chama de “uma ferramenta bem-acabada que os falantes usam em certas circunstâncias” (p.29).

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Nota-se que a partir de uma noção instrumental, a linguagem é tratada como uma realidade em si (um sistema gramatical usado como instrumento de comunicação); como se ela tivesse vida própria, despregada de seus falantes, da dinâmica das relações sociais, dos movimentos da história¹⁶. Com base nessa perspectiva a relação entre a linguagem oral e escrita é reduzida às relações que regem a conversão grafema fonema e, assim, a apropriação da linguagem escrita são priorizadas as habilidades e percepções envolvidas com a codificação e decodificação dos sons em letras e vice-versa.

A partir dessa perspectiva, limitações e dificuldades relacionadas à apropriação, à aprendizagem e ao uso da leitura e escrita são tratadas como se as mesmas tivessem causas individuais, orgânicas, perceptuais e funcionais, encobrando, assim, aspectos culturais, econômicos, educacionais e sociais e que podem resultar em desigualdades de condições de acesso, de aprendizagem e apropriação da linguagem escrita^{16,17}.

Uma segunda perspectiva, denominada constitutiva do sujeito, baseia-se na busca por compreender o homem como um ser, o qual se constitui, participando ativamente e permanentemente a partir de relações sociais que estabelece. Desse modo, nenhum sujeito dialoga e se constitui com e a partir de uma só voz social, mas sempre, com e a partir de muitas vozes^{17,18}.

Faraco¹⁵ afirma que essa perspectiva recusa olhares que alienam a linguagem de sua realidade social concreta, pois “Concebe a linguagem como um conjunto aberto e múltiplo de práticas sociointeracionais, orais ou escritas, desenvolvidas por sujeitos historicamente situados.” (p. 91)

A partir dessa perspectiva é possível perceber que a linguagem não existe em si, só existe efetivamente no contexto das relações sociais; ela é elemento constitutivo dessas múltiplas relações e nelas se constitui continuamente.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Os modos particulares de constituição de tais pessoas e os processos envolvidos na sua apropriação e uso da linguagem oral e escrita são analisados a partir da identificação e do reconhecimento do que e como apreende o mundo e como estabelece interações com e a partir da linguagem, e, portanto, não a partir da descrição do que ela supostamente não produz e/ou não realiza^{1,5}. Embora a linguagem verbal seja apontada como um dos maiores comprometimentos entre esses sujeitos, as particularidades envolvidas são desconhecidas.

Berberian³⁵, através da literatura, afirma que há uma tendência por parte dessas pessoas em produzir discursos (orais e escritos) reduzidos, os quais são marcados por falta e/ou repetição, podendo comprometer ou não o seu significado, bem como a construção de sentidos por parte de seus leitores, criando assim, barreiras para o que a autora denomina de uso funcional da linguagem.

Para ela, os sinais manifestos na linguagem escrita desses sujeitos podem representar mais do que somente sintomas capazes de sustentar o diagnóstico, sendo sujeitos ativos e atuantes sobre a língua e na linguagem, a partir de suas condições de produção. O mesmo estudo ainda refere que pessoas com TEA tendem a focar e a privilegiar detalhes e aspectos específicos de uma determinada situação, ao invés da apreensão do contexto geral que a envolve.

Assim, para Berberian³⁵, referências que concebem a linguagem como constitutiva do sujeito em todas as suas dimensões, como é o caso da perspectiva sócio-histórica, busca nas dinâmicas individuais de estruturação do discurso (oral e escrito), um sentido na linguagem da pessoa com TEA. Para tanto, a noção de significação deve extrapolar a ideia de controle, de um único significado e aproximar-se a noção interpretação.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Estudos que analisam aspectos textuais do discurso oral e escrito de pessoas com TEA chamam atenção para o fato de que apesar das estruturas linguísticas adotadas por tais pessoas, em várias situações, não corroboram para a apreensão de significados e para a construção de sentidos por parte do interlocutor, isso não reduz tais estruturas a sintomas/alterações patológicas ou a erros, mas podem representar possibilidades enunciativas decorrentes dos modos singulares que os mesmos operam linguisticamente, afetiva e cognitivamente³⁵.

Os diversos posicionamentos envolvidos nas diferentes concepções de linguagem orientam a conduta de fonoaudiólogos e professores, os quais participam dos processos de apropriação, ensino-aprendizagem e uso da linguagem escrita. No próximo tópico discutiremos como esses posicionamentos impactam na escolha dos procedimentos e estratégias clínicas e educacionais junto a pessoas com TEA.

Procedimentos e estratégias clínicas fonoaudiológicas e educacionais voltadas à apropriação da linguagem escrita de pessoas com TEA

Aspectos e problemas relacionados as diferentes modalidades de linguagem e, portanto, oral e escrita são frequentemente enfatizados nos estudos sobre o TEA, sendo o fonoaudiólogo o profissional reconhecido como capaz de atuar nos chamados distúrbios e/ou atrasos de linguagem desses sujeitos.

Estudos apontam ser fundamental que esse profissional adote abordagens capazes de conceber pessoas com TEA como sujeitos que se constituem através das relações que estabelecem com e

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

a partir da linguagem escrita. Ou seja, que contribuam para a promoção de práticas de leitura e escrita engajadas em contextos significativos de uso da língua e, portanto, com o desenvolvimento de competências necessárias às demandas sociais em uma sociedade letrada ^{15,19}.

De acordo com a posição acima apresentada, considera-se que abordagens clínicas fonoaudiológicas que reduzem a linguagem escrita a um código, implicam em práticas de leitura e escrita pouco significativas, uma vez que, enfocam especialmente aspectos normativos e metalinguísticos. Ao desconsiderar a história e as experiências da pessoa com TEA com a linguagem escrita, suas condições de apropriação e uso, abordagens que priorizam apenas a dimensão normativa da escrita são insuficientes para desenvolver nesses sujeitos competências necessárias ao enfrentamento das demandas sociais de leitura e escrita.

Autores citam em um estudo¹⁷ que os fonoaudiólogos têm a “obrigação de denunciar tal realidade e de não compactuar com ela, substituindo um olhar simplista e homogeneizante por uma conduta politicamente comprometida com a transformação social”. Para isso, conforme as autoras é necessário se distanciar de métodos terapêuticos centrados na “doença” e voltados exclusivamente à norma linguística, e estar comprometido com uma clínica que concebe o sujeito, a sua história e a sua constituição como leitor e escritor de forma integral ^{15,19}.

Note-se que esta necessidade também pode ser estendida ao contexto educacional, visto que, a análise crítica das metodologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é essencial para o acesso à educação de alunos diagnosticados com diferentes deficiências e condições clínicas e para que possam participar ativamente de uma formação de qualidade em todos os níveis de formação¹⁸.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

A acessibilidade de alunos com TEA, entendida como acesso ao ingresso, permanência e formação de qualidade, pressupõe um processo educacional que reconheça suas particularidades como modos distintos de desenvolvimento e não como sinais de deficiências ou de distúrbios ^{4,5}.

As condições de leitura, escrita e letramento, entendidas como as experiências, relações e os usos estabelecidos com a linguagem escrita, podem promover ou restringir a acessibilidade ao ensino das pessoas, bem como, aos diferentes contextos e esferas sociais.

Diante do exposto se faz necessário diferenciar o termo letramento de alfabetização. Segundo Rojo¹⁸, a alfabetização refere-se ao desenvolvimento individual das capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) envolvidas, fundamentalmente com o aprendizado do sistema alfabético da língua portuguesa. Já, por letramento entende-se o modo como as pessoas operam com os textos que medeiam às relações sociais e como participam dos usos e das práticas de linguagem escrita nos diferentes contextos (família, igreja, trabalho, mídias, escola)²³.

Assim, conhecimentos e procedimentos baseados em uma visão integral de sujeito e do processo ensino-aprendizagem da linguagem escrita partem do pressuposto de que a qualidade das relações estabelecidas com e a partir dessa modalidade de linguagem entre professores e alunos com e sem o diagnóstico de TEA são determinantes.

De acordo com Orrú:

A interação entre o professor e seu aluno é fundamental. No caso de crianças com TEA nem sempre o professor vê atitudes que demonstram uma ação de reciprocidade vinda de seu aluno [...] após a identificação de tal interesse, o professor organiza em seu contexto

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

o ambiente para a aprendizagem, as motivações precisam ser trabalhadas por meio de conteúdos e materiais diversos, valorizando toda ação realizada por seu aluno, por meio da sua mediação (p.12).

Considera-se que o trabalho educativo acontece a partir da relação com o outro, em busca da construção de um sujeito que, a partir do acesso a cultura, a linguagem, terá condições mais ou menos favoráveis para a apropriação do conhecimento escolar. Se é importante que esses alunos possam ingressar nas escolas, é fundamental que procedimentos educativos sejam repensados de modo a atender suas necessidades e particularidades. Adaptações, reformulações devem ser sistematizadas e implementadas com o objetivo de garantir a participação de alunos com TEA nas interações e atividades desenvolvidas no contexto educacional¹.

Nessa direção, estudos^{4,5,35} apontam que o aluno autista só estará incluído se for agente de sua aprendizagem. Aspectos relacionados ao planejamento e as práticas pedagógicas devem promover a participação e autoria do aluno e, para tanto, não basta que as escolas sejam dotadas de recursos didáticos e práticas educacionais adaptadas.

O crescente número de pessoas diagnosticadas com TEA ingressando na rede básica de ensino²⁴, o aumento da procura pela clínica fonoaudiológica para auxiliar no desenvolvimento da linguagem e nos chamados distúrbios de aprendizagem, juntamente aos diversos e controversos posicionamentos sobre o quadro clínico, influenciam o interesse pela temática não só nos meios acadêmicos, mas, na esfera das mídias sociais que serão a seguir abordadas.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Mídias sociais: o que dizem fonoaudiólogos e professores acerca da linguagem escrita e pessoas com TEA

As mídias sociais, consideradas como uma ferramenta com potencialidades de promover a acessibilidade e difusão, de forma rápida e relativamente fácil, de informações e de saberes formulados por profissionais de várias áreas permitem, também, a construção partilhada de conhecimentos⁶.

Dentre as mídias sociais interessa, nesse estudo, tecer considerações acerca da plataforma digital YouTube. Apesar de não ser o único site de compartilhamento de vídeos, tal plataforma está entre os cinco sites mais acessados no Brasil⁶. Portanto, a produção de conteúdo e os discursos veiculados neste site geram um grande impacto na construção da opinião pública de uma maneira geral.

Quanto aos conteúdos veiculados acerca de pessoas com TEA, Ortega Et al²⁵ organizou um estudo cujo objetivo foi analisar quais são as temáticas abordadas sobre o diagnóstico nas comunidades digitais. Verificou-se que as mais recorrentes são: etiologia do TEA; Procedimentos e métodos terapêuticos; Educação especial e avaliação dos pais em relação ao serviço oferecido em escolas inclusivas. O autor afirma que a utilização das mídias sociais surge como uma forma de auxiliar familiares, profissionais e público interessado. Ele ressalta que por meio dessas mídias, profissionais da saúde, da educação e pessoas com TEA tornam-se pessoas ativas digitalmente e trocam experiências, depoimentos e interações sociais diversas.

Outro estudo mais recente²⁶, teve como objetivo identificar nos canais do YouTube das instituições os conteúdos específicos sobre o TEA e analisar os formatos e os tipos de publicação privilegiados

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

nas páginas do Facebook destas instituições; e analisar a avaliação que os utilizadores fazem dos conteúdos comuns disponibilizados, comparando comentários nas diferentes plataformas.

A pesquisa no YouTube foi efetuada e conduziu a quatro canais. Destes quatro canais foram analisados aqueles que também detêm página no Facebook, finalizando seleção com os canais e páginas “National Autistic Society” e “Real Look Autism”. Para a seleção das categorias de análise de conteúdo foram consideradas as características dos indivíduos mencionadas na DSM-V. Com conclusão, verificou-se que nos canais do YouTube das duas instituições analisadas predominam os vídeos que refletem somente características relacionadas com a comunicação e a interação social, deixando de lado aspectos sociais relacionados ao TEA.

Se há estudos que abordem mídias sociais, como os acima citado^{25,26}, ressalta-se que, até o momento, não há registro de pesquisas cujo objeto esteja relacionado às práticas fonoaudiológicas e educacionais, apresentadas e difundidas a partir de vídeos publicados no YouTube, enfocando, especificamente, apropriação da linguagem escrita junto a pessoas com TEA.

Método

A metodologia utilizada neste estudo é a netnografia, uma adaptação da metodologia de pesquisa etnográfica para ambientes digitais. Por meio dela é possível a compreensão de aspectos culturais das comunidades no ciberespaço, como suas características, suas práticas e seus comportamentos³³.

O método netnográfico contribui para a compreensão do papel e a complexidade da comunicação mediada por computador e das chamadas TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação). Sendo

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

assim, sua aplicabilidade ocorre no ambiente online, vinculado ao ambiente offline e por meio da imersão e do engajamento do pesquisador em comunidades virtuais. O método netnográfico é quantitativo e qualitativo, e assim como na etnografia, a observação participante ativa ou não participante é parte do processo de coleta de dados, pois faz-se necessário que o pesquisador esteja inserido na comunidade estudada^{33,34}.

Para a composição do corpus de pesquisa, inicialmente criou-se uma conta na plataforma referida para armazenar os resultados da pesquisa. Posteriormente efetuou-se, via online, a busca de vídeos postados em língua portuguesa, utilizando as seguintes palavras-chave: “língua escrita”, “fonoaudiologia”, “educação”, “TEA”, “Autismo”, “Letramento” e “alfabetização”. Todos foram combinados e inseridos no campo de pesquisa/busca do YouTube separados somente por um espaço, os resultados totalizaram 484 vídeos.

Após a busca, os resultados foram salvos na conta criada anteriormente e em seguida aplicaram-se os critérios de inclusão e exclusão. Os vídeos que não se enquadravam nos critérios estabelecidos foram excluídos. A primeira etapa da seleção dos vídeos contou com a leitura do título e de sua descrição, exclusão de vídeos duplicados ou com más condições audiovisuais. Após seleção prévia dos vídeos foram aplicados os seguintes critérios de elegibilidade:

- Critérios de inclusão: vídeos nacionais produzidos, nos últimos 10 anos, exclusivamente, para a plataforma YouTube que versassem sobre apropriação da linguagem escrita de pessoas com TEA, gravados por fonoaudiólogos e/ou professores.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

- Critérios de exclusão: reportagens exibidas em programas de TV, palestras gravadas, vídeos estrangeiros, vídeos caseiros gravados por familiares ou outros profissionais e vídeos envolvendo outras temáticas.

Após a aplicação dos critérios acima descritos foram selecionados 13 vídeos para compor o corpus de análise deste estudo. Cabe ressaltar, que não se fez necessária a aprovação em comitê de ética, uma vez que a pesquisa está utilizando material de domínio público. A busca ocorreu no período de 20 a 22 de novembro de 2020.

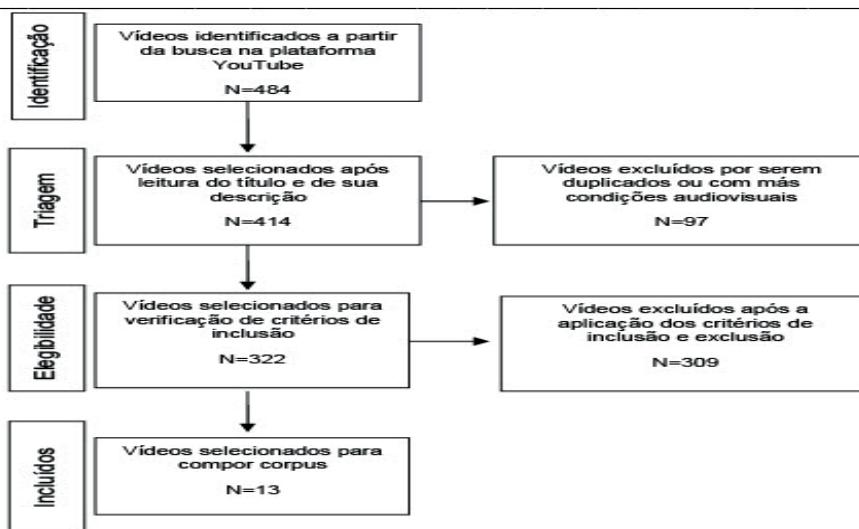
Resultados

No fluxograma da próxima página, constam o total de vídeos identificados, bem como, as etapas envolvidas na busca e seleção do material, até a delimitação do corpus de análise.

Para analisar os dados será utilizada a técnica da Análise do Conteúdo proposta por Bardin¹². A qual incide na maneira de interpretar a realidade e comportamentos vivenciados pelos sujeitos em suas práticas sociais, a partir da qual o conteúdo analisado reflete as ações sociais globais. A análise qualitativa será realizada a partir de trechos representativos, os quais foram extraídos das posições dos autores. Para tanto, foi necessário assistir aos vídeos na íntegra, identificar conteúdos que aparecem com maior recorrência, estabelecer os eixos de análises e as categorias. Já a análise quantitativa é de forma descritiva.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Fluxograma 1- Vídeos identificados e etapas da delimitação do corpus de análise.



Os resultados e as análises em questão serão apresentados e organizados a partir dos seguintes eixos temáticos:

Eixo 1 - Caracterização dos vídeos quanto autoria e público-alvo

Eixo 2- Concepções de linguagem escrita adotada pelos autores

Eixo 3 – Procedimentos e estratégias clínicas fonoaudiológicas e educacionais voltadas à linguagem escrita de pessoas diagnosticadas com TEA

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Segue, no quadro 1, a apresentação do corpus que compõe a análise desse estudo. Os vídeos, objeto de análise, estão apresentados a partir de sua identificação (letra V□, seguida do número de 1 a 13), do título, da área de formação profissional do autor, o ano de postagem na plataforma YouTube e o QR-Code para acesso aos vídeos. Para ter acesso ao vídeo basta abrir a câmera do celular, centralizar no QR-Code escolhido e clicar no link □ YouTube□, e assim será redirecionado diretamente para o vídeo escolhido, na plataforma.

Quadro 1- Descrição do corpus de análise

N	Título	Autoria/Profissional	Ano	QR Code
VV1	Autismo: desenvolvimento da escrita/dias/presotti	Professor	2020	
VV2	Importância do fonoaudiólogo nos casos de dificuldade ou transtornos de aprendizagem	Fonoaudiólogo	2020	

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

VV3	Atraso da fala na alfabetização-autismo	Fonoaudiólogo	2020	
VV4	Live de alfabetização e autismo	Professor	2020	
VV5	Alfabetização para autismo: quais habilidades influenciam no processo	Professor	2019	
VV6	Autismo: 10 dicas de alfabetização	Fonoaudiólogo	2019	

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

VV7	Autismo: espacial para professores	Fonoaudiólogo	2019	
VV8	Autismo: se posso usar tablet e PC na escola, ensinar escrever a Mão é inútil?	Fonoaudiólogo	2019	
VV9	Alfabetização e escolarização no autismo- linguagem escrita	Fonoaudiólogo	2018	
VV10	Letramento de estudantes com transtorno do espectro autista arquivo-unidade1	Professor	2018	

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

VV11	Autismo na escola: importância da avaliação individualizada	Fonoaudiólogo	2017	
VV12	Atividade para aquisição da linguagem oral/escrita ⁵	Professor	2016	
VV13	Níveis de desenvolvimento da escrita	Fonoaudiólogo	2016	

De forma a caracterizar os vídeos que compõe o corpus de análise deste trabalho, verifica-se na tabela abaixo (Tabela 1) que 61,53% (8) dos vídeos vem sendo produzido por fonoaudiólogos e 38,47% (5) pelos professores. No que se refere ao público-alvo dos vídeos, foi verificado que 92,31% (12) foram direcionados aos professores e 7,69% (1) aos fonoaudiólogos.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Tabela 1- Caracterização dos Estudos

Categorias	V/N	%
Autor do vídeo		
Fonoaudiólogo	V2, V3, V6, V7, V8, V9, V11, V13 (N=8)	61,63
Professor	V1, V4, V5, V10, V12, (N=5)	38,47
Público-Alvo		
Fonoaudiólogos	V2 (N=1)	7,69
Professores	V1, V3, V4, V5, V6, V7, V8, V9, V10, V11, V12, V13 (N=12)	92,31

Quanto à concepção de linguagem escrita adotada pelos autores dos vídeos, é possível verificar na Tabela 2 que 69,23% a concebem como código/instrumento de comunicação (9) e 30,77% como prática social (4).

Tabela 2- Concepções de linguagem escrita

Categoria	V/N	%
Prática social	V1, V9, V10, V12 (N=4)	30,77

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Código/ instrumento de comunicação	V2, V3, V4, V5, V6, V7, V8, V11, V13 (N=9)	69,23
------------------------------------	--	-------

Já na Tabela 3, a qual corresponde aos procedimentos, é possível observar que 92,31% dos vídeos abordam práticas envolvendo os processos de ensino-aprendizagem da escrita (12) e 7,69% (1) práticas clínicas fonoaudiológicas. Foram elencadas três categorias: Habilidades relacionadas ao processo de alfabetização; Métodos, procedimentos e técnicas de ensino voltados para linguagem escrita e práticas avaliativas.

Tabela 3- Procedimentos clínicos fonoaudiológicos e educacionais

Categorias	V/N	%
Processo de ensino-aprendizagem da escrita		92,31
Habilidades relacionadas ao processo de alfabetização	V1, V3, V4, V5, V6, V7, V8, V10, V13 (n=9)	69,23
Métodos, procedimentos e técnicas de ensino voltados para linguagem escrita	V9, V12 (n=2)	15,38
Práticas avaliativas	V11 (n=1)	7,69
Prática Clínica Fonoaudiológica		7,69
Práticas avaliativas	V2 (n=1)	7,69

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Discussão

Eixo1 - Caracterização dos vídeos quanto autoria e público-alvo

Foi possível verificar que a maioria dos vídeos foi produzido por fonoaudiólogos. Chama atenção, o fato de 3 (V6, V7 e V8) dos 13 vídeos serem produzidos pela mesma autora, inclusive o vídeo com maior número de visualização (V6). Tal fonoaudióloga possui um dos maiores canais sobre o TEA do país, totalizando quase 300 mil inscritos. Algumas de suas postagens acumulam milhões de visualizações, também consta em seu canal que é criadora de um instituto, o qual tem como objetivo fornecer palestras, cursos, aulas, supervisões, atendimento clínico e consultoria escolar, evidenciando certo envolvimento entre as profissões.

Nota-se que esse envolvimento entre fonoaudiologia e educação é muito antigo, visto que, a escola é o local no qual a Fonoaudiologia surgiu. Embora essa atuação esteja relacionada à linguagem, e mais especificamente à escrita, os fonoaudiólogos educacionais enfrentam uma série de situações-problema na escola, que envolvem conhecimentos de outras áreas, como audição, linguagem, motricidade orofacial e voz. Além disso, esse especialista deve lidar com questões relacionadas a aspectos da gestão escolar, pois seu plano de ação não pode ser desvinculado do projeto político pedagógico da escola ^{23,27}.

Tais circunstâncias, as quais podem ser consideradas limitações no processo de ensino-aprendizagem pelos professores, cada vez mais movimentam e direcionam as pesquisas, contribuindo para o aumento de estudos produzidos por fonoaudiólogos no contexto educacional.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Os achados em relação ao público-alvo vão ao encontro de um estudo¹³, o qual constata que a educação se configura como a área mais afetada pela falta de conhecimentos sobre o assunto, uma vez que os sistemas de ensino inclusivos recebem estudantes com TEA e a maioria dos professores sente-se despreparados para trabalhar com os alunos, o que revela uma lacuna na formação inicial e continuada desses sujeitos que estão diretamente envolvidos na aprendizagem dos estudantes com TEA.

Para diminuir essa lacuna, as mídias sociais surgem como uma importante aliada dos professores, os quais recorrem aos vídeos para basear suas práticas e pesquisas sobre temas relacionados ao TEA, levando a um aumento de produção dos mesmos por parte de vários profissionais, os quais estão envolvidos no processo de aprendizagem desses alunos^{25,27}.

No entanto, diante do aumento da veiculação de vídeos abordando a referida temática, reitera-se a necessidade de estudos que objetivem a análise da qualidade, dos referenciais e estudos envolvendo os conteúdos veiculados.

Eixo 2 - Concepções de linguagem escrita adotada pelos autores

Conforme os dados expressos na Tabela 2, é possível afirmar que a maioria de vídeos evidencia uma concepção de linguagem escrita como um sistema fixo, estruturado por regras.

Conteúdos veiculados no V2, o qual foi produzido por uma fonoaudióloga, referem que “para a escrita ser desenvolvida será necessária treinar habilidades como memória e atenção, sem esquecer que é preciso descobrir qual o melhor método para alfabetizá-lo, além de sempre estimulá-lo”.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Da mesma forma, enfocando a necessidade do desenvolvimento das referidas habilidades, no V5, produzido por uma professora, é ressaltada a necessidade de o aluno dispor de habilidades como pré-requisito para se apropriar da escrita.

Ainda ancorada em uma concepção que entende a linguagem escrita como expressão do pensamento, o V7, produzido por uma fonoaudióloga, aborda aspectos relacionados aos sinais/sintomas relacionados ao quadro clínico, apresenta o uso de estratégias e escolha de métodos diferenciados como determinantes no processo de apropriação da escrita. Além disso, a autora resalta que a alfabetização exigirá do aluno habilidades que talvez ele ainda não disponha por conta dos déficits cognitivos que apresenta.

O V4 foi produzido por uma professora e teve como objetivo discutir aspectos envolvidos tanto no quadro clínico TEA, quanto no processo de alfabetização. Segundo a autora, □ A aprendizagem da escrita depende de treino, prática, acerto e evitação de erros□. O V8, também, refere que treinar a escrita desenvolve além de aspectos relacionados à coordenação motora fina, áreas do cérebro que estão envolvidas com a aprendizagem.

A partir da concepção exposta no V2, V4, V5, V7 E V8 o processo de ensino-aprendizagem se dá por meio de treino de habilidades, as quais são consideradas pré-requisito para a aprendizagem e memorização de conteúdos que se concretizam pela realização de exercícios de fixação. Nota-se que a partir de tal abordagem desconsidera-se a natureza social do sujeito e tende a culpá-lo por suas condições de leitura e escrita, identificando apenas limitações orgânicas-funcionais para justificar tais condições, bem como auxiliam na classificação e diagnóstico dos chamados distúrbios da aprendizagem.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Ainda partindo de uma concepção que entende a linguagem escrita como expressão do pensamento, outros autores mencionam a apropriação da fala como pré-requisito para apropriação da escrita, como é possível observar no V3, produzido por uma fonoaudióloga com o objetivo de especificar os prejuízos do atraso de fala no processo de alfabetização. A autora refere que, □ pra gente expor a criança ao segundo código linguístico que é a escrita, a gente precisa garantir que ela tenha domínio no primeiro código que é a fala. Ela se baseará nos sons da fala para escrever□.

Outro vídeo (V6) ainda relaciona o sucesso da escrita com a consciência fonológica, sugerindo que um trabalho com rimas e aliterações, prolongando o final das palavras trabalhadas seria como treinar o cérebro da criança para o momento em que será ensinado a ela o valor sonoro das letras e depois sua escrita.

É preciso esclarecer que autores citados neste trabalho^{15,16,20} vão à contramão de concepções monológicas que compreendem a escrita meramente como representação, expressão e espelho da fala, e ainda, questionam a busca de uma relação unívoca entre sons e letras que limita a apropriação da linguagem escrita.

Quanto à relação entre as letras e os sons da fala, Faraco²⁰ afirma que □ é uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma da escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar letra e som, é a transcrição fonética□ (p.101). Nessa direção, outro autor¹⁵ aponta que a correspondência fonema-grafema não é unívoca e, portando, a escrita não deve ser considerada como uma simples representação da fala.

Dentre outros dois vídeos, os quais foram produzidos por fonoaudiólogas, está o V11, o qual buscou proporcionar aos professores uma reflexão sobre a apropriação da escrita. Neste vídeo a

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

autora salienta que entre outras coisas, é necessário identificar em que estágio do desenvolvimento, segundo Piaget, o aluno se encontra. Já o V13 cita os cinco níveis de desenvolvimento da escrita descrito por Emília Ferreiro e Ana Teberosky como um aliado para desenvolver atividades que propiciem o processo de alfabetização.

A partir do que foi colocado pelas autoras, é possível verificar que as mesmas partem do princípio de que a linguagem escrita surge no indivíduo apenas a partir de um determinado estágio do desenvolvimento cognitivo e em decorrência da construção, pela criança, de operações concretas. Nota-se que a partir desta concepção, a interação, a interdiscursividade, a qual inclui o aspecto fundamentalmente social das funções, das condições e do funcionamento da escrita são desconsideradas. No entanto, sabe-se que a função “interativa”, “instauradora” e “constituidora” de conhecimento na/pela escrita são aspectos essenciais nesse processo.

Em razão desses pressupostos, Soares²² afirma que

Alfabetização e letramento - são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com o material escrito real, e não artificialmente construído (p.68).

Desse modo, o que influenciaria no processo de apropriação são as situações em que esta criança está exposta coletivamente e não a utilização do cognitivo como forma de interpretar as características do objeto de aprendizado.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Diferentemente dos vídeos mencionados anteriormente, a autora do V1 refuta a possibilidade de apreender a linguagem como um sistema fixo quando refere que “eu não devo trabalhar com as letras enquanto código. A ideia é fazer com ele desenvolva de uma maneira mais leve, mais natural, dentro das suas necessidades e possibilidades”.

A autora deixa claro o fato de não considerar a escrita uma representação da fala, e no decorrer do vídeo é possível observar falas que nos permitem afirmar que a mesma está ancorada em uma abordagem a qual entende a escrita como constitutiva do sujeito, são elas: “a escrita acontece naturalmente, tornando-se, em alguns casos, forma de comunicação desses alunos” e “o professor é responsável por mediar o conhecimento, respeitando as limitações, e usando as ferramentas que forem necessárias”.

Nota-se aproximação com a perspectiva a qual denominamos constitutiva do sujeito, pois a autora refere a escrita a partir de uma perspectiva dialógica, a qual apreende a escrita como acontecimento social, cultural e histórico.

Do mesmo modo, o V10 se aproxima dessa perspectiva quando ressalta que “oportunizar que essa criança tenha acesso ao outro que nos constitui...ao colega, ao professor, acesso ao material mais indicado. Tudo isso oportuniza o desenvolvimento da escrita que é um processo singular para cada um deles”.

Chama atenção o fato de esse vídeo ser o único a adotar o uso do termo “letramento”. Mesmo que outros autores deixem explícito em suas falas o valor social atribuído a linguagem, fazem uso do termo alfabetização, o qual remete a um processo de aquisição de leitura, de técnicas e habilidades para a prática da leitura e da escrita.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Como já citado anteriormente neste estudo “alfabetização” refere-se ao processo de aprender a ler e escrever como aquisição de uma tecnologia de codificação e decodificação, já o “letramento” Segundo Soares²² alude ao “[...] estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (p.39).

Para autora do vídeo, o sujeito letrado não é definido unicamente como aquele que sabe ler e escrever, mas como aquele que usa socialmente a leitura e a escrita. Semelhantemente, a professora autora do V9 refere que “a escrita insere a criança em um contexto social muito mais importante. Ela vai muito além da função dada pela escola”.

Já a autora do V12 tem por objetivo demonstrar atividades usadas para desenvolver a escrita. Ela relata que “tem a prática de construir com ele os seus próprios livrinhos, e aí vamos transformando sua escrita através das possibilidades do próprio aluno, utilizando algo que seja significativo para ele.”

É possível verificar através da posição das autoras, que as mesmas apreendem o processo de ensino/aprendizagem não somente com relação às descrições dos níveis linguísticos necessários ao domínio da língua ou às considerações que privilegiem o produto final, mas como, nesse processo, o sentido vai se construindo a partir da dialogia entre interlocutores^{20,23}.

Apesar de constatar a predominância de vídeos centrados em concepções de linguagem enquanto código-instrumento de comunicação percebe-se um movimento, ainda tímido, entre profissionais da clínica e da educação buscando outros modelos teóricos para apoiar suas práticas. Evidencia-se, a necessidade de produções que tomem a linguagem escrita como prática social constitutiva do sujeito, a qual impactará nos modos em como de se conduzir o processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Eixo 3 - Procedimentos e estratégias clínicas fonoaudiológicas e educacionais voltadas à linguagem escrita de pessoas diagnosticadas com TEA

Em relação aos procedimentos educacionais voltados à leitura e escrita junto a alunos com TEA, nota-se a prevalência de abordagens em torno especialmente de três aspectos: 1- Habilidades relacionadas ao processo de alfabetização; 2- Métodos, procedimentos e técnicas de ensino voltados a linguagem escrita; 3-Práticas avaliativas.

Habilidades relacionadas ao processo de alfabetização

As habilidades necessárias para se apropriar da linguagem escrita mencionadas pela autora do V3 compreendem a ideia de que o aprendizado é um processo cumulativo de habilidades. E que o aluno toma como modelo de língua a linguagem constituída do adulto, como é possível verificar no trecho abaixo, extraído do V3

Pra gente expor a criança ao segundo código linguístico que é a escrita, a gente precisa garantir que ela tenha domínio no primeiro código que é a fala. O professor é figura importante, pois é a partir dele que a criança aprende (V3, YouTube, 2020).

No entanto, deve-se ressaltar que a aprendizagem da linguagem escrita não é um processo artificial e secundário em relação à linguagem oral, como é possível observar em muitos modelos teóricos que apostam na precedência da oralidade em relação à escrita. Embora não se possa negar

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

o nível gráfico de um sistema alfabético, como é o caso do português, a consideração pela dimensão discursiva permite um redirecionamento no olhar para o processo de aprendizagem da escrita ²³.

Para Berberian, Mori De-Angelis e Massi ²³

A inserção da escrita não depende apenas da “escrita de linguagem”, mas, sim, da possibilidade de interagir com vários gêneros discursivos, sendo capaz de abstrair deles posições enunciativas, políticas e ideológicas, de reconhecer e interpretar seus recursos estéticos e de compreender (para discordar ou concordar) de seus conteúdos. Dependem também da possibilidade de produzir gêneros discursivos diversos - orais e escritos - para neles imprimir suas posições enunciativas, políticas ideológicas, por meio do domínio de suas temáticas e de seus recursos linguísticos (p.30).

Desse modo quando se fala que a criança não escreve porque não domina as regras de conversão grafonológicas e as regras ortográficas, na verdade está se camuflando uma realidade bem mais complexa presentes na trajetória dos alunos diagnosticados com TEA.

Da mesma forma, o V4 cita habilidades as quais são consideradas pré-requisitos para o aprendizado da escrita. O autor do V4 relata que

Antes de a escrita ser trabalhada a criança deve apresentar certas habilidades, como discriminação visual, respostas aos comandos, pareamento visual-visual, pareamento auditivo-visual, habilidades motoras, nomeação e sons e habilidades sócias (V4, YouTube, 2020).

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

O autor do V5 também cita habilidades motoras, sensoriais, linguísticas e funcionais como fundamentais para o aprendizado da escrita.

A partir do entendimento referido pelos autores do V3, V4 e V5, o ato de escrever envolveria um conjunto de habilidades e capacidades cognitivas por parte do aluno que escreve. Bem como, o sucesso estaria relacionado ao desenvolvimento dessas capacidades individuais e mentais, relacionando-se a uma noção cognitiva de sujeito.

Para autoras²³ críticas a esse modelo cognitivista voltam-se, sobretudo, às suas bases na ideologia instrumental, apoiando-se na cultura oficial em detrimentos das experiências culturais e históricas dos sujeitos. A autora propõe pensar a escrita como prática discursiva. Esse enfoque incorpora a interdiscursividade como elemento de centralidade na análise do processo do letramento, o que possibilita a apropriação da escrita não apenas como atividade cognitiva como a autora do vídeo expõe, mas também como atividade discursiva, a qual incorpora a função interativa, instauradora e constitutiva desse conhecimento^{1,13,17}.

Outra habilidade observada no decorrer dos vídeos corresponde à consciência fonológica que é entendida como a habilidade de manipular os sons da fala em prol da aprendizagem. As autoras do V6 e V8 recomendam que seja trabalhada a consciência fonológica a partir da consciência fonêmica, alegando que contribuem para o aprendizado da escrita.

Recorremos a um estudo²⁸ onde a autora recusa a utilização da consciência fonológica em sala de aula, pois defende uma alfabetização a partir da concepção enunciativa, pautada no letramento. O objetivo de tal estudo foi analisar práticas de professoras alfabetizadoras a partir de cenas de sala de aula que demonstram o ensino do ato de ler e escrever. Para

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

a efetivação da pesquisa o principal instrumento de geração de dados foi a observação participante.

Ao analisar os resultados, a autora²⁸ considera que as práticas das professoras observadas eram puramente mecânicas e não considerava a língua como objeto vivo, de diálogo. Ao analisar uma atividade sendo proposta, a autora afirma que

Analisar a cena apresentada é trazer à tona a inadequação dos procedimentos de análise linguística como a fonologia, a morfologia e a sintaxe, para o estudo e explicação do funcionamento da linguagem (p.17).

Do mesmo modo, outros autores²⁹, afirmam a necessidade do cuidado com o trabalho com palavras e frases estruturadas e isoladas para não se incorrer num normatismo disfarçado ao tratar de questões normativas fora das relações textuais. Por isso, ao reafirmarem a importância das reflexões de Bakhtin no que diz respeito ao modo como devemos nos relacionar com as formalizações, esclarecem que:

Não há nada de condenável no ato de formalizar, desde que essa nossa atitude, no caso específico da teoria de Bakhtin, esteja voltada para a interação verbal ou, falando especificamente de ensino, desde que o nosso trabalho como professor, com estruturas e frases eventualmente descontextualizadas, tenha por finalidade última não a memorização de conceitos, mas o uso efetivo da linguagem (p.6).

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Ainda se referindo a vídeos que abordam habilidades como pré-requisito para o desenvolvimento da linguagem escrita, citamos o V1 que apesar de descrever o processo como “desenvolvimento natural”, cita que o trabalho com a escrita segue um padrão, ou seja, “se ele faz pontinhos no papel, meu próximo passo seria com as linhas e após podemos passar para o movimento circular.” Do mesmo modo, a autora do V13 cita que “a escrita é desenvolvida através de 5 etapas [...]”.

A partir do que foi observado, pode-se afirmar que a ideia de escrita desenvolvida a partir de fases, se refere à visão cognitiva de sujeito, onde a linguagem escrita é concebida como um sistema de código, que demanda o desenvolvimento de competência individual de cada educando.

Autores citados na introdução desse trabalho ^{1, 2, 6, 17, 18, 20, 22,23} partem de uma reflexão mais aprofundada, priorizando outros aspectos no aprendizado da escrita, como a interação e a interdiscursividade, a qual se relaciona com a função social da mesma.

Para eles, a apropriação da linguagem escrita é um processo discursivo: a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura e aprende a falar o que pensa pela escrita. No entanto o significado da palavra “aprender” vai muito além do significado que o dicionário atribui, se tornando sinônimo de “fazer, usar, praticar e conhecer”. A criança aprende a escrever e assim aprende sobre a escrita.

O V7 refere que “as habilidades necessárias que o professor precisa desenvolver com o aluno é a capacidade em estabelecer vínculo, desenvolver contato visual e ter paciência quando falar com ele também são características importantes”. A autora refere em seu vídeo que o processo de aprendizagem dos alunos com TEA exige dos professores um olhar sensível, as interações possíveis são utilizadas para desenvolver exercícios de escrita. Ela cita também que o tempo de realização dos mesmos será diferente, exigindo do professor paciência e compreensão.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Ressalta-se que tal generalização ocasiona projeções negativas em torno do processo de ensino-aprendizagem, bem como previsões de que o diagnóstico influenciaria negativamente nesse percurso, reduzem os aspectos envolvidos na apropriação da leitura e escrita à constituição e/ou à confirmação de problemas precocemente anunciados.

Para Berberian, De-Angelis e Massi²³

A expectativa negativa reduz as possibilidades de domínio da leitura e da escrita, o que pode resultar em produções de escritas avaliadas como pouco elaboradas e com problemas formais, fato esse que, ironicamente, pode ser avaliado como a materialização do problema, já anunciado. É como se o distúrbio de leitura e escrita pudesse, a exemplo de determinados problemas orgânicos, ser avaliado precocemente (p.21).

O último vídeo dessa categoria é o V 10, no qual a autora cita que “é necessário pensar e identificar as necessidades e peculiaridades, e estimular as habilidades presentes na criança”. A autora se baseia em uma concepção de linguagem como prática social, no entanto, ao abordar aspectos referentes à prática educativa cita que é necessário estimular habilidades presentes na criança. Embora não fique claro em sua fala a qual habilidade está se referindo, essa expressão está relacionada à ideia de uma visão do desenvolvimento como processo cumulativo de conhecimento, indo em direção oposta a concepção de linguagem adotada pela autora no início do vídeo.

Evidencia-se uma quantidade maior de profissionais fazendo considerações fundamentados no estruturalismo e no funcionalismo, no qual tratam o comportamento humano e, portanto, a

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

apropriação da linguagem escrita, a partir das funções psicológicas periféricas como percepção, sensação, memória e discriminação visual^{7,19}. Desta forma, a linguagem acaba por ser reduzida a aquisição do conhecimento ao nível sensorio-motor.

Como já mencionado nesse estudo, o sujeito com TEA apresenta limitações, as quais estão relacionadas à apropriação e uso da linguagem verbal, no entanto, quando se parte de uma abordagem discursiva-social, tal apropriação se configura como muito mais do que a aquisição de habilidades básicas como decifração e escrita de palavras^{22,35}. Desse modo, as crianças aprendem de forma interativa a usar, manipular e provar a linguagem, sendo colocadas a disposição da atribuição de sentido para o que se leem e escrevem.

Métodos, procedimentos e técnicas de ensino voltados para linguagem escrita

Em relação a essa temática, foi possível verificar a indicação do método fônico para aprendizagem da linguagem escrita no V9. A autora afirma que “o método fônico é indicado para que a criança não só memorize as palavras, mas que ela, de fato, seja alfabetizada.”

Estudos^{22,30,31} críticos a essa abordagem referem que a partir do método fônico a criança é reconhecida como uma “tábula rasa” ou um “vaso vazio” a ser preenchida, ou seja, um sujeito o qual dependeria de estímulos externos para produzir respostas que, repetidas, levariam a aprendizagem da língua escrita.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

A partir desse método, a língua escrita é vista como transcrição da fala, a aprendizagem se dá pelo acúmulo de informações e memorização, não levando em consideração, a individualidade do sujeito que aprende e o contexto sócio-cultural em que está inserido.

Diferentemente do V9, para a autora do V12 o trabalho com a escrita necessita partir da ideia de construção do conhecimento, como é possível observar no trecho abaixo:

Para trabalhar a escrita eu gosto de trabalhar com construção, então pego algumas fichas vou escrevendo palavras que se relacionam com comidas, com tempo, personagens, com lugares; daí você separa um pouco de cada e dispõe sobre a mesa. Eu peço para o paciente olhar antes e depois peço para ele construir uma história. Primeiro fazemos oralmente, depois na escrita (V12, YouTube, 2016).

Nota-se que a professora ocupa o papel de mediadora entre a criança e o objeto de estudo, isto é, o texto como unidade de enunciação discursiva oral e escrita. Com base nessa posição, entende-se que a condução dos processos de ensino-aprendizagem que têm como objetivo a apropriação da linguagem escrita será determinada pelas situações concretas de interação e pelas formas discursivas coletivas relativamente estáveis (outros textos), favorecendo a composição de enunciados individuais na relação com essas situações coletivas e, também, a revisão das formas da linguagem^{22,23}.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Práticas Avaliativas

Práticas avaliativas no contexto educacional

Em torno de práticas avaliativas, cabe destacar colocações expressas no V11, produzidas por uma fonoaudióloga que defende a avaliação de comportamento a partir do uso do método ABA (Applied Behavior Analysis - Análise do comportamento aplicada) dentro das escolas para auxiliar no processo de alfabetização. Para ela

A análise do Comportamento é hoje uma das avaliações mais importantes. Na verdade, é um processo contínuo. Faz uma avaliação detalhada das habilidades da criança, e como essas habilidades estão sendo aproveitadas (V11, YouTube, 2017).

Esse método envolve o ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que o indivíduo possa adquirir independência. Dentre as habilidades ensinadas incluem-se comportamentos sociais, como contato visual, comunicação funcional e comportamentos acadêmicos, tais como pré-requisitos para leitura e escrita; além de atividades da vida diária como higiene pessoal¹⁹.

Ressalta-se que a partir de uma concepção de linguagem escrita como constitutiva do sujeito o processo individual citado acima, volta-se para o aspecto social, desprendendo-se do modo homogêneo de compreender a apropriação do ensino em questão.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Práticas avaliativas no contexto clínico

Em relação às práticas clínicas voltadas à leitura e escrita junto a alunos diagnosticados com TEA, nota-se a presença de somente um vídeo abordando práticas clínicas. Tal vídeo discute o uso e as aplicações de um protocolo de avaliação da escrita na clínica fonoaudiológica.

Para a autora

O protocolo de avaliação da linguagem escrita fonoaudiológica serve como um medidor padrão. A partir dele, podemos perceber qual criança está no desenvolvimento típico e qual está fora (V2, YouTube, 2020).

Para tanto, são avaliados aspectos relacionados à

Leitura, escrita, habilidades cognitivo-linguísticas, velocidade da leitura, compreensão e elaboração de textos, frases, pontuação, ortografia, acentuação, léxico, aspectos narrativos, aspectos de coesão e coerência e da consciência fonológica (V2, YouTube, 2020).

Nota-se que hegemonicamente os testes partem de práticas avaliativas tradicionais, cujo objetivo é medir e/ou mensurar o quanto o indivíduo se aproxima ou se afasta do que é considerado ‘normal’ e ‘ideal’.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Considerando, ainda, que os resultados dos testes padronizados servem de base para a organização do trabalho pedagógico e clínico, visando que os sujeitos avancem para o nível seguinte por meio da aplicação de “testes” para que os mesmos “aprendam” a responder ao que deles se espera, a sala de aula e o consultório tem-se tornado lugar, não de relações de ensino-aprendizagem, mas de treinamento contínuo, para obtenção de resultados positivos, os quais, por sua vez, retroalimentam classificações e novos simulados como procedimento didático³⁰.

Com base na perspectiva sócio-histórica, autores ^{6,21,23,35} consideram que a linguagem do sujeito e sua aprendizagem devem estar fundamentadas em processos de avaliação da linguagem que abordem, além das questões linguístico discursivas, aspectos subjetivos, culturais, vivenciais, interacionais, afetivos e educacionais envolvidos. Para outra autora³², a linguagem escrita deve ser avaliada e abordada terapeuticamente a partir de/em atividades significativas de leitura e escrita, ou seja, que levem em conta o interesse e particularidades da vida dos sujeitos.

Considerações finais

Os resultados do estudo apontam que a maioria dos profissionais, autores dos vídeos objeto de análise, concebem a linguagem escrita, seu processo de apropriação e as suas práticas a partir de uma concepção dessa modalidade de linguagem como código/ instrumento de comunicação. Com menor ocorrência, apenas 4 autores estão baseados numa concepção da linguagem como prática social porém, ao analisar as práticas sugeridas por esses profissionais nos vídeos. Os conteúdos estão relacionados, especialmente, a aspectos normativos da língua escrita destinados a práticas educacionais destinadas a alunos diagnosticados com TEA.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

Fica evidente a necessidade de estudos que analisem a qualidade e consistência das informações veiculadas nesse tipo de produção, bem como, impactos que exercem na formação e atuação profissional, envolvendo contextos e processos clínicos e educacionais voltados à linguagem escrita e alunos diagnosticados com TEA.

Referências

1. ORRÚ S. E. Autismo, linguagem e educação: integração social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro. 3º ed. 2012.
2. SILVA H.M.M. Autismo, formação de conceitos e constituição da personalidade: Uma perspectiva histórica-cultural [Dissertação de mestrado]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2019.
3. GUEDES N. P. S.; TADA I. N.C. A produção científica brasileira sobre Autismo na Psicologia e Educação. *Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2015 Jul-Set; 31 (3): 303-309.
4. MARFINATI A. C.; ABRÃO J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. *Rev. Estilos Da Clínica*. 2012; 19 (2): 244-262.
5. GAUDERER E. C. Autismo. 3º edição. Editora: Atheneu. 1993.
6. BARROS I. B. R. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. *Rev. Distúrbios da comunicação*. 2011 Ago; 23 (2): 227-232.
7. SALLE E. SUKIENNIK P.B.; SALLE A. G.; ONÓFRIO R. F.; ZUCHI A. Autismo Infantil: Sinais e sintomas. In: Camargos, JR. (ORG). *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º*

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

- milênio. Brasília: Ministério da Justiça, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, AMES, ABRA, 2002. p.203-209.
8. BOSA C.; CALLIAS M. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [Internet]. 2000 [cited 2019 Sep 8];13(1):167–77. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000100017&lng=en&nrm=iso
 9. LAMPREIA C. Avaliação quantitativa e qualitativa de um menino autista: uma análise crítica. *Psicol. Educ.* v.8, n.1, p. 57-65, 2013.
 10. APA- American psychiatric association. Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV. 4ª ed. Porto Alegre; Editora: ArteMed, 2002.
 11. FIORIN JL. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.
 12. BARDIN L. Análise de Conteúdo. São Paulo (SP): Edições 70; 2015.
 13. WUO A. S. Education of people with autism spectrum disorders: state of knowledge in dissertations and theses in the Southern and Southeastern regions of Brazil (2008-2016). *Saúde e Sociedade* [Internet]. 2019 Sep 1 [cited 2021 Jan 24];28(3):210-23
 14. OLIVEIRA A. F. T. DE M.; DE ABREU T.F. A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG). *Revista diálogos e perspectivas em educação especial.* 2019 Dec 20;6(2):59–76
 15. FARACO CA. Linguagem escrita e alfabetização. Ed.1. São Paulo: Contextos, 2012.
 16. BERBERIAN A.P.; BORTOLOZZI K.B.; MASSI G. BISCOUOTO A.R.; ENJIU A.J.; OLIVEIRA K.F.P. Análise do conhecimento de professores atuantes no ensino fundamental acerca da linguagem escrita na perspectiva do letramento. *Revista CEFAC.* 2013 Dez;15 (6) :1635-1642.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

17. SANTANA A.P.; SANTOS K.P dos. A perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*. 2017 Aug;12(2):174–90.
18. ROJO R. Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.
19. CAMARGO S.P.H.; RISPOLI M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial*. 2013 Nov 6;26(47).
20. CAGLIARI L.C. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Editora. Scipione, Ed.4. 2012.
21. SIGNOR R de C.F.; VIEIRA S.; BERBERIAN A.P.; SANTANA A.P. Distúrbio de processamento auditivo x dificuldade de leitura e escrita: há uma relação? *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. 2018 Sep;18(3):581-607.
22. SOARES M. Concepções. In: Alfabetização e letramento. 7º Ed. SP: Contexto. 2020.
23. BERBERIAN A.P. Letramento: referências em saúde e educação. In: Berberian AP, Massi GA, Angelis CCM. (orgs) São Paulo: Plexus Editora, 2006.
24. Brasil (2016). Consolidação da inclusão escolar no Brasil: 2003 a 2016. Brasília: MEC/ SECADI.
25. ORTEGA F, ZORZANELLI R.; MEIERHOFFER L. K.; ROSÁRIO C. A.; ALMEIDA C. F de.; ANDRADA B. F da C. C de, et al. A construção do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 2013 Mar;17(44):119-32.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

26. OLIVEIRA A, MOTA P. Perturbação do Espectro do autismo na internet: análise do canal do YouTube e da página do Facebook de duas instituições. *Rev. Internet latent corpus journal*. 2017; 7(2): 39-52.
27. OLIVEIRA J. P.; DE SCHIER A. C. Suportes para a atuação em fonoaudiologia educacional. *Revista CEFAC*. 2013 Jun;15(3):726–30.
28. CORREIA A. B. A linguagem escrita na perspectiva enunciativa-discursiva e suas implicações pedagógicas. *Revista Philologus*.2020; 26(78):43-54.
29. FARACO C.A.; TEZZA C.; CASTRO G. Diálogos com Bakhtin. Ed: UFPR, 2010.
30. SILVA C. C. F. da. O Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa - PNAIC: entre méritos e críticas de uma política educacional. *Crítica Educativa*. 2016 Aug 17;2(1):178.
31. DE OLIVEIRA M. Y.; Costa J.M. Uma análise do decreto nacional de alfabetização: reflexões acerca do método fônico. *WorkingPapers em Linguística*. 2021 May 21;22(1).
32. VIEIRA S. K. A produção do conhecimento e a clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita a partir da abordagem sócio-histórica. [Dissertação de mestrado]. Curitiba (PR): Universidade Tuiuti do Paraná; 2019.
33. KOZINETTS R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
34. PEREIRA A. A. S.; Monteiro J. C. S. A netnografia como método de estudo do comportamento em ambientes digitais. In: *Anais do III Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*. 2019: 1-10.

Práticas Clínicas Fonoaudiológicas e Educacionais voltadas à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão narrativa

35. BERBERIAN, A. P. Estudos analíticos sobre a produção escrita e as metodologias de avaliação do desempenho dos participantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas provas escritas do Exame Nacional do Ensino Médio Enem (Etapa 1). Ofício nº 0489046/2020/DAEB-INEP/Ministério da Educação. 2020. (Relatório de pesquisa).

Data da submissão: 30/10/2024

Data do aceite: 19/11/2024

Data da publicação: 12/12/2024